

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CELACC
GESTÃO CULTURAL E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

CAMILA AUDE GUIMARÃES

A FEIRA LIVRE NA CELEBRAÇÃO DA CULTURA POPULAR

SÃO PAULO

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CELACC
GESTÃO CULTURAL E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

CAMILA AUDE GUIMARÃES

A FEIRA LIVRE NA CELEBRAÇÃO DA CULTURA POPULAR

SÃO PAULO
2010

A FEIRA LIVRE NA CELEBRAÇÃO DA CULTURA POPULAR

Camila Aude Guimarães

Resumo: Esse trabalho busca relacionar as feiras livres no Brasil com a cultura popular. Ainda que uma manifestação do comércio, o evento não perde seu caráter lúdico e se insere como possibilidade de integração social, celebração de costumes e força instauradora dentro da rotina, possuindo inclusive diversos aspectos semelhantes ao de uma festividade.

Palavras-chave: feira livre, cultura brasileira, identidade cultural, tradição, costumes e festa popular.

LA FERIA EN LA CELEBRACIÓN DE LA CULTURA POPULAR

Resumen: Ese trabajo busca relacionar las ferias en Brasil con la cultura popular. Aunque sea una manifestación del comercio, el evento no pierde su carácter de juguete y se insiere como una posibilidad de integración social, celebración de costumbres y fuerza instauradora en la rutina, poseyendo incluso diversos aspectos semejantes al de una festividad.

Palabras clave: feria, cultura brasileña, identidad cultural, tradición, costumbres y fiesta popular.

THE FAIR IN THE CELEBRATION OF POPULAR CULTURE

Abstract: This paper tries to relate fairs in Brazil with popular culture. Even though it's a manifestation of commerce, the event does not lose its playfulness and emerges as a possibility of social integration, celebration of habits and vitality inside the routine, besides having similar aspects of many festivities.

Keywords: fair, brazilian culture, cultural identity, tradition, habit and festivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. ORIGEM DA FEIRA LIVRE.....	4
3. CONEXÕES ENTRE A FEIRA, A CULTURA POPULAR E A FESTA.....	6
4. TRABALHO DE CAMPO.....	12
5. CONTEMPORANEIDADE E SEUS RISCOS.....	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

1. Introdução

Esse trabalho busca investigar e aprofundar a ligação entre a feira livre, a cultura popular brasileira e as festas. Analisando e refletindo sobre alguns textos, foi possível constatar uma profunda identificação entre a feira livre de nosso país, as características essenciais da cultura popular e suas festas – celebração, compartilhamento, participação social, fuga do cotidiano e resgate das tradições.

Embora seja um evento com caráter comercial, a feira livre de hortifrutigranjeiros possui características revitalizadoras e reforçadoras da cultura popular. Ainda assim, ela enfrenta diversos riscos na contemporaneidade devido ao cenário econômico voraz, com alta competição no comércio, e à supervisão do poder público, que progressivamente tira suas características fundamentais. Dessa maneira, é de vital importância que o tema seja estudado para que talvez esse panorama e visão possam ser mudados.

Após uma breve abordagem da história da formação das feiras livres no Brasil e no mundo, será investigada a relação dessa manifestação com a cultura popular e as influências que ela possui no cotidiano da população.

Para aprofundamento, foi realizada uma pesquisa de campo e um amplo estudo bibliográfico sobre o tema para fundamentação e confirmação de dados, números e conceitos.

2. Origem da feira livre

As primeiras referências às feiras aparecem em meio ao comércio e às festividades religiosas. A própria palavra latina *feria*, que deu origem à portuguesa *feira*, significa dia santo, feriado.

Esses eventos têm origem na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. Quando os camponeses não conseguiam vender nos mercados a produção excedente, trocavam por outros produtos nas ruas a um preço mais baixo. Com isso, as trocas comerciais realizadas nos centros urbanos possibilitaram a padronização dos meios de troca e

incentivaram a criação de uma estrutura bancária.

Realizadas estrategicamente em áreas onde rotas comerciais se cruzavam, dois fatores curiosos é que durante elas interrompiam-se guerras e a paz era garantida para que os vendedores pudessem trabalhar. Também aconteciam algumas vezes ao ano, e quase todas elas eram realizadas em épocas relacionadas com festas de Igreja. Outro ponto é que desde essa época, a celebração já estava presente nas feiras. Durante as compras, dezenas de saltimbancos, fazendo malabarismos, procuravam divertir o povo que se movia de barraca em barraca.

No Brasil, o costume veio com os portugueses e há registros de feiras desde a época colonial. Existia a presença das populares quitandas ou feiras africanas, que eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre. Vendedoras negras negociavam produtos da lavoura, da pesca e mercadorias feitas em casa. Do mesmo modo, uma grande variedade de produtos que chegavam de navio era comercializada informalmente na Praça XV, no Rio de Janeiro. Até que em 1711, o Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, oficializou-as.

Mas o comércio era, além de desorganizado, extremamente despreocupado com a higiene. Desse modo, inspirado em modelos europeus, em 1904 o prefeito do Rio, Pereira Passos, autorizou o funcionamento das feiras nos fins de semana e feriados. Doze anos depois, com os problemas de abastecimento causados pela I Guerra Mundial, outro prefeito, Azevedo Sodré, autorizou e estimulou as feiras também durante a semana.

Já em São Paulo, em 1914, foi criada a Feira Livre por meio do ato do Prefeito Washington Luiz P. de Souza, não como projeto novo, mas sim como o reconhecimento oficial de algo que já existia tradicionalmente na cidade desde meados do século XVII.

Atualmente os conceitos de feira livre e festa popular são mais comumente percebidos com as seguintes formas de interação: ou possuímos a visão de que dentro das festas populares existem setores que promovem feiras livres, ou algumas feiras livres, ocasionalmente, promovem eventos que se assemelham às festas. Raramente a feira é vista como uma celebração em si.

Embora seus motivos sejam diferentes, a festa popular também possui um forte aspecto de comercialização atualmente. A diferença é que na feira livre a realização da venda

é o principal objetivo, e portanto este aspecto não precisa ser camuflado. Mesmo assim, essa característica não muda o fato de que nestes eventos ocorre uma nítida celebração.

Ao mesmo tempo, o caráter comercial da feira livre mascara sua importância na manutenção e promoção da cultura popular. Ainda que imerso no discreto dia a dia desse evento, as noções de identidade, comunidade, hábitos, relações e comunicação aparecem fortemente durante toda a sua duração e possibilitam aos indivíduos em situação de subalternidade um sentimento de humanização.

Segundo García Canclini (1987), o termo "cultura popular" tornou-se um terreno de difícil compreensão devido aos seus diferentes usos por diferentes áreas. Para a antropologia o termo era utilizado, na maioria das vezes, na representação de costumes, folclore, tradição oral, artesanato e até outro nome para o considerado primitivo. Enquanto isso, para os meios de comunicação seriam produtos produzidos em massa para consumo, como por exemplo, uma telenovela. Concomitantemente, no aspecto econômico e político, seria o trabalhador, o homem do povo. Mas como utilizar o mesmo termo para tantos significados diferentes? No geral, García Canclini conclui que o termo acaba por ser utilizado para grupos que estão em situação de subalternidade. Desse modo, o conceito dá uma ideia de identidade compartilhada entre todos eles. Em se tratando de feira livre, podemos englobar todas as apropriações citadas acima para designar cultura popular.

3. Conexões entre a feira, a cultura popular e a festa

Embora o caráter mercantil seja colocado em primeiro plano, apresentando-se como o principal motivo para a feira, ao longo do tempo esta se desenvolveu de forma lúdica, solta e livre, como o seu próprio nome diz. Adaptando-se aos tempos em relação à mercadoria, tecnologia e clientes, não perdeu sua base, suas raízes. Equilibrando os princípios da tradição e da inovação, assim como a festa popular, cada feira livre é, ao mesmo tempo, igual e diferente da anterior.

A feira livre de caráter predominantemente hortifrutigranjeiro se insere como uma possibilidade de reafirmação da identidade do povo brasileiro, já que destaca os costumes e a cultura popular, promove troca de conhecimentos, resgate de valores e sensação de integração social.

O mesmo papel tem a festa, que desde a época colonial já era usado como um meio de tentar aproximar tantos povos diferentes e auxiliar na formação de uma imagem nacional. Elas sempre funcionaram como um meio de comunicação em uma comunidade, sendo um local onde as pessoas, ainda que em meio à celebração e ao caos, acabam refletindo sobre suas vidas e sobre a sociedade em um nível discreto, quase subconsciente. O sentimento de participação e a força coletiva desenvolvem uma catarse entre os integrantes do evento. Ao mesmo tempo, os simbolismos e componentes míticos reforçam o ambiente livre, criativo, interativo e até surreal. Sendo assim, podemos dizer que na feira ocorre um sentimento de pertencimento a uma comunidade, a sensação de que o indivíduo comum pode ser um protagonista do evento.

Foto 1 – Barraca da feira da Consolação



Ele passa a se sentir acolhido, inserido em um local em que pode participar livremente, interagir do modo como desejar. No tempo da feira, o homem do povo sente que tem voz, que pode expressar-se em um espaço democrático e até ganhar fôlego para transformar uma situação. Quase como uma validação da cidadania, uma oportunidade de colocar o poder na mão de pessoas pobres. E assim, o indivíduo ganha ânimo para continuar sua rotina com mais força. Outra constatação interessante é que em uma feira livre estão presentes todos os aspectos da cultura popular - oralidade, espacialidade, artesanato e festa.

“Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida

cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos.” (Morais e Araújo, 2006, p.267)

Apesar de ser um local de criatividade e diversão, possui rituais e estruturas fixas. Com uma periodicidade mais frequente do que a festa e de duração mais curta, ela é uma maneira, ainda que integrada ao cotidiano, de reproduzi-lo, ao mesmo tempo em que se apresenta como um escape dele. Podíamos ao mesmo falar que o fato de não haver feiras às segundas seria quase uma simbologia de que este dia é para o trabalho, não para celebrações. Ao mesmo tempo, a dinâmica entre a manutenção de valores e tradições e a constante inovação e vontade de quebrar as regras é um espelho da luta social contemporânea. A busca pelo equilíbrio entre realidade e expectativas e como podemos nos adaptar em meio a elas.

“A festa possui uma dupla e contraditória potencialização entre conservação e criatividade cultural. De um lado, empurra o indivíduo à fuga, à evasão da realidade banal, do cotidiano, para mergulhar no momento mágico da festa, que é também o momento do sagrado e do caos primordial. Esta evasão é provocada pelas técnicas que constituem a parte essencial da instituição festiva: o riso, o jogo, a dança, a música, a alegria, o descontrole orgiástico, o dramático etc. De outro lado, o clima festivo abre uma possibilidade psicológica e fornece uma carga de energia psíquica que permite ao indivíduo enfrentar com vigor e independência criativa as batalhas do cotidiano.” (Ferreira, 2006, p.65)

Outro fator é a reprodução do “mesmo” evento nos mais diferentes lugares do país ao mesmo tempo. Mesmo assim, tais questões não retiram seu ineditismo a cada evento realizado, criando fôlego para continuidade do acontecimento.

Foto 2 – Movimentação na feira da Consolação



Com o passar do ano, seus produtos se adaptam à mudança das estações, evidenciando um ciclo natural e uma relação de respeito com o tempo, o que permite o seu prosseguimento.

Em um paralelo com o tema sagrado e profano da festa popular, podemos constatar a presença da religiosidade na feira através de suas origens, das crendices populares e barracas com conteúdo religioso. Do outro lado, o profano se vê representado pela tão popular paquera e frases galanteadoras das barracas, como por exemplo “Moça bonita não paga, mas também não leva”.

Outra situação curiosa é constatar a interação de diferentes etnias dentro do evento, e ainda que cada uma geralmente trabalhe em segmentos específicos, todas são necessárias para a formação completa da feira livre. Isso nos leva a fazer um paralelo com a integração do povo brasileiro e a representação de suas diversas origens. Temos como exemplo a barraca do pastel, que geralmente é administrada por famílias de origem oriental. Ao mesmo tempo, vemos famílias de origem indígena realizando a venda de produtos como mandioca e palmito. Um aspecto é que em muitas barracas famílias inteiras trabalham para manter o negócio e que a barraca e as profissões são transmitidas à próxima geração. Isso reforça e aproxima os laços culturais delas.

Foto 3 – Barraca de pastel na feira da Praça Charles Miller



Um ponto reafirmador da origem das feiras e de sua mescla é que depois que ela acaba, os feirantes trocam, entre si, muitas das mercadorias que sobraram.

A feira livre conseguiu sobreviver aos tempos modernos sem mudar demasiadamente, sofrendo pequenas adaptações apenas. Tanto é que não existem diferenças gritantes entre uma feira livre de uma cidade do interior do país e de uma cidade como o Rio de Janeiro.

Podemos constatar que, em cidades menores, ela pode ser a única maneira de comercialização do local e, portanto, se mostra como um ponto de lazer e cultura maior em relação às cidades maiores.

Outra característica presente na feira livre é a competitividade, que ocorre em diversos níveis. Um exemplo é que invariavelmente as pessoas possuem seus próprios costumes e preferências dentro de uma feira – a barraca favorita, o melhor vendedor... Da mesma maneira, existem as feiras livres consideradas as melhores, as mais cotadas, as mais famosas. Além disso, dentro delas, as atrações principais, as pessoas que se destacam, as barracas diferenciadas, os produtos exclusivos.

Em se tratando ainda de venda, a feira abre a possibilidade para algo inusitado – a barganha. Essa negociação do preço mostra uma abertura para quebrar as “regras”, quase uma flexibilização da norma. Enquanto isso, essa é uma prática inexistente no grande comércio.

No geral, o evento pode se apresentar como um momento de rever conhecidos, como uma mistura de lazer e cotidiano – ainda que estejam sendo realizadas atividades rotineiras, necessárias, é uma oportunidade de viver algo diferente, uma comemoração dentro do dia a dia. Um local lúdico e transgressor. Um ambiente alegre e unido, um espaço de liberação através da interação social – por meio de dança, riso, conversas, ditos populares, músicas etc.

“Todos esses elementos... fazem parte de um complexo comunicacional composto por textos, músicas, danças, imagens, oralidade, crenças, costumes e toda a sorte de práticas culturais, reafirmando a noção de que comunicação é cultura”. (Ferreira, 2006, p.70)

O processo de organização das feiras livres exige uma participação comunitária, uma estrutura que busque agradar à população local e se adaptar ao espaço em que acontecerá. Ela acrescenta à comunidade, acaba gerando até uma dependência na rotina. Além disso, tanto pela informalidade, estrutura e componentes que a formam, pode ser classificada como subalterna. Realizando um paralelo com o nosso país, a feira livre parece refletir a alegria do povo brasileiro. Mesmo porque aparenta ter, mesmo em meio ao caos, uma dinâmica organizada e harmoniosa, ainda que extremamente bagunçada. Com crianças, cachorros, idosos, trabalhadores, casais e mendigos convivendo em um mesmo espaço e pintando cenas de um quadro rico e curioso.

Foto 4 – Vendedor de algodão doce na Consolação e meninos brincando na Charles Miller



Desenvolvem-se e cultivam-se, nesse espaço, relações de confiança, troca e amizade. Não existe apenas a venda. Há confiança tanto no valor e qualidade dos produtos comercializados, quanto nos vendedores e pessoas conhecidas encontradas no local. Ocorrem fofocas, lembranças, preservação dos costumes e da rotina (já que ocorrem em dias determinados) e mantêm-se hábitos e as relações com a comunidade.

Existe também a possibilidade de frear o ritmo frenético do cotidiano, de ser fazer uma compra de maneira mais calma, mais descontraída, mais prazerosa.

No final de semana, mostra-se para muitos um espaço de passeio, quase um ponto de encontro. Além de um local aberto e acessível a toda idade, sexo, cor, estado civil e religião.

Segundo Zygmunt Bauman (2001), atualmente as pessoas vivem com medo do “outro” e fogem de qualquer tipo de interação pública, de encontros e envolvimento social. Elas sentem-se ameaçadas pelo diferente, e portanto buscam viver em “guetos”, isoladas com “iguais”, onde se sentem protegidas. Ao mesmo tempo, os espaços urbanos não são aproveitados, não encorajam a permanência, não são acessíveis e muito menos hospitaleiros.

Foto 5 – "Não lugares" utilizados pela feira da Alameda Rio Claro e da Consolação



Feitos para serem deixados para trás rapidamente, muitas vezes sendo sequer percebidos, vistos quase como “não-lugares” ou “espaços vazios”.

Um ponto interessante é que a feira mostra-se como uma oportunidade de quebrar essas barreiras sociais e explorar o espaço esquecido. Nela, as pessoas tiram um pouco de suas máscaras e entram em contato. E um espaço público, mas não civil, se transforma, e por algumas horas, a realidade do local é modificada. Esses eventos, que às vezes ocorrem em lugares próximos às praças públicas (espaços êmicos), ajudam a expandir a relação com a espacialidade e a recuperar a convivência e real utilização de espaços negligenciados.

Outro elemento para se analisar são as famosas frases gritadas pelos feirantes e algumas vezes até cantadas. Elas parecem ritos e canções típicas populares. O espetáculo único dos feirantes gritando suas frases criativas para garantir a qualidade dos seus produtos e melhor preço é um dos grandes atrativos da feira, chamando a atenção de compradores através da performance.

4. Trabalho de campo

Como pesquisa de campo, foram visitadas quatro feiras livres de hortifrutigranjeiros durante dois finais de semana. O primeiro local a ser pesquisado, no dia 17 de outubro de 2010, foi a feira que ocorre na cidade de São Vicente, no litoral de São Paulo, aos domingos, na Avenida Capitão-mor Aguiar. O evento fica próximo ao centro da cidade e possui mais de

1 km de extensão. No final de semana seguinte na cidade de São Paulo, no dia 23 de outubro, sábado, foram visitadas as feiras da Alameda Rio Claro, no bairro da Bela Vista e a da Praça Charles Miller, no Pacaembu. No domingo, a pesquisa foi realizada na feira da Consolação.

O método utilizado para o trabalho foi a observação e o registro fotográfico dos locais. As cenas observadas confirmam os conceitos teóricos tratados nos tópicos anteriores e apresentam um panorama agradável do evento. As imagens utilizadas representam pontos da cultura popular tratados nesse trabalho, como lazer, integração, tradição, utilização de espaços abandonados etc.

A pesquisa buscou acompanhar feiras livres em bairros considerados habitados por diferentes níveis econômicos para poder estudar uma ampla gama do acontecimento e suas possíveis variações.

Nesse aspecto, não foram constatadas grandes diferenças entre os locais visitados. Foi possível perceber apenas mudanças em relação à variedade de barracas, que podem vender produtos mais elaborados, como utensílios para casa, flores, laticínios e até algodão doce. E também no que concerne às pessoas de diferentes condições sociais, mas que interagem com os mesmos feirantes, que circulam em diversas feiras da cidade e convivem com diferentes realidades ao longo da semana.

Em relação aos horários, duas feiras foram visitadas por volta das 8 horas da manhã de um dia frio e nublado, sendo assim possível perceber que o público, em sua maioria, se tratava de pessoas mais velhas realizando suas tarefas cotidianas. Os outros dois eventos foram pesquisados em dias de sol por volta das 10 horas da manhã. Nesses casos, foi fortemente perceptível a mudança em relação ao público. Ainda estavam presentes pessoas mais velhas, mas já era possível ver crianças e jovens, pessoas em momento de diversão, não apenas de compra.

Foto 6 – Barraca de flores na feira da Praça Charles Miller



Retratos como uma mulher ensinando sua filha como escolher um limão e crianças pequenas nos colos de suas mães mostram como a feira ainda carrega uma forte carga de tradição. Ainda nesse ponto, parentes unidos com vós, filhos e netos comendo pastel, em barracas que reúnem famílias orientais inteiras, abordam os temas de patrimônio, herança e origem.

Enquanto isso, barracas diferentes surgem todo dia nas feiras, como a de iogurte, sorvete, algodão doce e até de DVDs piratas. É a convivência entre o velho e o novo, nesse caso trabalhando de maneira harmônica.

Uma das cenas mais vistas durante a pesquisa foram amigos conversando, vizinhos fofocando e até crianças brincando de pega pega e de futebol. Nesse caso, os aspectos de interação, de sensação de comunidade, prazer e celebração se mostram fortemente arraigados ao evento.

Ao mesmo tempo, foi uma constante presenciar barracas vizinhas interagindo, se ajudando, evidenciando a camaradagem existente no local. Uma imagem interessante foi a ideia de um vendedor de dar duas rosas para cada compra de fruta realizada, uma troca lúdica no comércio.

O lazer se fez visível através de casais namorando, donos indo passear com seus

cachorros, pessoas andando de bicicleta e alunos de faculdade confraternizando no local no intervalo e após as suas aulas.

Em se tratando de espacialidade, o seu melhor aproveitamento estava em barracas que ficam embaixo de pontes, como no caso da feira da Consolação, e negócios encostados em muros pixados de terrenos abandonados.

O trabalho de campo definitivamente ajudou na constatação da intensa presença de temas da cultura popular abordados anteriormente e fez refletir ainda mais sobre a importância da manutenção, divulgação e respeito a esse evento.

Foto 7 – Barraca na feira da Praça Charles Miller



5. Contemporaneidade e seus riscos

Atualmente, a feira livre enfrenta alguns riscos na contemporaneidade devido ao cenário econômico voraz, com alta competição no comércio, e à supervisão do poder público, que progressivamente tira características fundamentais da manifestação.

Por ser um evento regulado pelas prefeituras, cada vez mais existe uma pressão por organização e padronização das feiras em diversos aspectos. Em relação à limpeza, aos horários, à localização, à qualidade dos produtos etc.

Faz-se a tentativa de classificar as barracas por cores, de calar o barulho das ruas, de fiscalizar a adequação dos produtos, a duração do evento etc. Não que alguns pontos não sejam necessários, levando em consideração o interesse do consumidor e moradores dos locais. No entanto, existe o risco de tirar a espontaneidade do evento com regras cada vez mais rígidas. O que nos gera uma dúvida: será que daqui alguns anos as feiras continuarão livres?

Já no aspecto econômico, a voraz competição do mercado capitalista e conseqüentemente as facilidades proporcionadas por grandes empresas em uma compra colocam em risco a tradição das feiras. O que não deixa de ser irônico, considerando-se que foram as feiras livres que fizeram surgir os primeiros mercados.

Em contrapartida, uma pesquisa realizada por estudantes de economia da USP nos relewa uma perspectiva interessante e tranquilizadora.

O trabalho estudou o comportamento do consumidor em feiras livres e os dados indicam que 56% dos entrevistados efetuam compras nesses locais porque acreditam na qualidade dos produtos. Enquanto isso, 28% consideram o preço mais vantajoso em relação aos mercados. Fatores esses que não devem mudar no futuro.

Uma outra constatação interessante é que cerca de 8% do público participante da pesquisa avalia o ambiente favorável como fator crucial no comparecimento e efetiva compra nesses locais.

Os dados também indicam que as cores, o despertar do olfato, a simpatia, o entretenimento e a possibilidade de poder provar os produtos são itens que facilitam e estimulam a compra na feira livre.

6. Considerações finais

Assim como um circo, que parece estar cheio de personagens e histórias, a feira de hortifrutigranjeiros é rica justamente por ser um local cheio de sons, cheiros, movimentos, colorido e troca. A sensação que fica é que, cada vez que saímos dela com o nosso carrinho cheio de produtos, estamos levando também uma bagagem mais rica ainda, que é a de vivência, experiências, conversas e alegria.

Por fim, outra semelhança de destaque, que nos leva a conectar firmemente a feira, a cultura popular e a festa, é o seu próprio fim. Nada mais nítido que um clima de “fim de festa” nos momentos finais de uma feira. A mistura de cansaço e tristeza, mas com a convicção de alegria vivenciada e compartilhada.

Sendo assim, através da constatação de tantas ligações entre a festa, a cultura popular e as festividades, é possível confirmar a vital importância de sua conservação e de como é necessário estimular o respeito a essa manifestação.

É necessário também incitar que as feiras sejam frequentadas, para que o agressivo mercado não as elimine. Concomitantemente, é fundamental que o poder público saiba cumprir o seu papel na fiscalização dos eventos, mas que compreenda seus limites e saiba respeitar o espaço e importância da espontaneidade da feira.

Ao mesmo tempo, sendo a própria feira um meio de divulgação tradições e costumes, espera-se que as famílias transmitam esse hábito para outras gerações mesmo em meio ao caótico e moderno cotidiano e que as escolas possam passar aos jovens a integridade do valor dessa manifestação popular.

Por fim, espera-se que a iniciativa dessa pesquisa possa contribuir para esse objetivo.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. "A formação da festa à brasileira" In:Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que não é serio", Tese de Doutorado defendida FFLCH-USP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. "A Modernidade Líquida. Rio de Janeiro". Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Maria Nazareth. "Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares" In: Comunicação e Política, Rio de Janeiro – R.J, v 24, n. 02, maio-agosto de 2006.

FERREIRA, Maria Nazareth. "As Festas Populares na Expansão do Turismo." São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

Links:

CANCLINI, Néstor García. "Ni folklórico ni masivo: Qué es lo popular? Diálogos de la Comunicacion". Número: 17, 1987

www.infoamerica.org/documentos_pdf/garcia_canclini1.pdf

Último acesso – 09/2010

CANCLINI, Néstor García. "Cultura popular: de la épica al simulacro" - Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2000

algeciras.iepala.es/exterio11/documentos/textos/10.pdf

Último acesso – 10/2010

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. "Ordenando o Espaço Público: A Criação das Feiras Livres na cidade do Rio de Janeiro" – UERJ, 2005

www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-62.htm

Último acesso – 07/2010

KINJO, Tomoko & IKEDA, Ana. "Comportamento do Consumidor em Feiras Livres" – FEA-USP, 2005

www.sober.org.br/palestra/2/420.pdf

Último acesso - 07/2010

LÓSSIO, Rúbia; VAINSENER, Semira Adler. "Santos Não Canônicos: Presença da Cultura Popular nos Mercados Públicos de Recife/Pernambuco" - Fundação Joaquim Nabuco, 2006

www.fundaj.gov.br/geral/folclore/santostextos.pdf

Último acesso – 10/2010

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz & ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. "Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)" - Instituto de Geografia da UFRN, 2006

www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html

Último acesso – 07/2010

NAGEL, Bernard; GONÇALVES, Daniel; RANGEL, Pedro e PEÇANHA, Thiago. "Os Bastidores de Uma Feira Livre" – PUC-Rio, 2007

puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/13%20-%20os%20bastidores%20de%20uma%20feira%20livre.pdf

Último acesso - 07/2010

NEUMANN, Kendra. "Feira Livre" – UFSC, 2004

www.arq.ufsc.br/urbanismo1/2004-2/final/final_kn.pdf

Último acesso - 07/2010

SILVA, Marcilio José da; LIMA, Gilvanice Marques de; SANTOS, Maria Sallet Tauk. "Uma Reflexão Sobre a Polissemia do Popular" – UFRPE - Extensão Rural e Desenvolvimento Local, 2008

www.ufrpe-posmex.org/index.php/trabalhos-academicos/doc_download/25-uma-reflexao-sobre-a-polissemia-do-popular

Último acesso - 09/2010